

Maurício Antônio Lopes

Presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)

O desafio é produzir mais, com sustentabilidade

Por: Samuel Z. Milléo Filho e Marli Vieira

“

A inovação impulsionou a produção brasileira nas últimas quatro décadas e será, certamente, o motor da nossa agropecuária nos próximos anos, caracterizados por desafios ainda mais complexos

”

O conhecimento científico e tecnológico, que no passado ajudou na diversificação e inovação dos sistemas de produção do Brasil, será, novamente, fundamental para que o país supere os desafios da agropecuária. Em entrevista à Revista Paraná Cooperativo, o presidente da Embrapa, Maurício Antônio Lopes, fala sobre esses desafios e de como a tecnologia irá ajudar o país a fazer frente às demandas que se apresentam cada vez mais variadas e complexas. “A pesquisa deve avançar na oferta de soluções para diversificação, agregação de valor, produtividade, segurança e qualidade, com velocidade e eficiência superiores às alcançadas no passado”, disse.

Mineiro, de Bom Despacho, Maurício Antônio Lopes é funcionário da Embrapa há 25 anos. Antes de assumir a presidência da empresa, em outubro do ano passado, ocupou o cargo de diretor de pesquisa e desenvolvimento. Agrônomo, formou-se na Universidade Federal de Viçosa (MG). Tem mestrado em Genética pela *Purdue University* (EUA), doutorado em Genética Molecular pela *University of Arizona* (EUA) e pós-doutorado pelo Departamento de Agricultura da Agência para Alimentação e Agricultura da ONU (FAO), na Itália.

Paraná Cooperativo – Quais fatores impulsionaram a agricultura nacional nas últimas décadas?

Maurício Lopes - A agricultura brasileira passou por uma revolução sem precedentes no mundo e a pesquisa agropecuária foi um dos alicerces dessa transformação. Até a década de 1970, o país era um grande produtor de açúcar e café, mas ainda importava alimentos básicos como arroz, leite e feijão. Ainda nos anos 70, o Brasil optou por criar um modelo de agricultura ba-

seada em ciência, com o fortalecimento do seu sistema de inovação agropecuária, combinado com políticas públicas de estímulo ao desenvolvimento e expansão da produção de alimentos. De lá para cá, foram muitas as conquistas.

Mas as transformações da agricultura brasileira se devem, sobretudo, a três grandes conjuntos de conhecimentos e tecnologias que permitiram a transformação de vastas extensões de solos ácidos e de baixa fertilidade, em solos férteis, aptos a uma agricultura moderna, produtiva e competitiva; a tropicalização e a adaptação de plantas e de animais originários de todas as partes do mundo aos biomas brasileiros; e o desenvolvimento de uma plataforma inédita no mundo de práticas conservacionistas e de defesa ambiental. Nenhum modelo de produção agropecuária avançou tão rapidamente na direção da sustentabilidade como o modelo brasileiro. Há a fixação biológica de nitrogênio, processo que garante a competitividade da soja brasileira pela possibilidade de eliminar fertilizantes nitrogenados; e há tecnologias de controle biológico, de Manejo Integrado de Pragas e Doenças e de plantio direto, este último uma revolução construída pelos agricultores.

Assim, podemos afirmar que a pesquisa agropecuária contribuiu, de forma fundamental, para a diversificação e a inovação dos nossos sistemas de produção agropecuária.

Paraná Cooperativo - Qual sua avaliação sobre o futuro da agricultura brasileira?

Maurício Lopes - Temos muitos desafios, variados e complexos. O maior deles é continuar contribuindo para abastecer o mercado interno e externo de



“Fica cada vez mais evidente que nenhuma instituição será capaz de atender às demandas e aos desafios, operando de forma isolada e autossuficiente”

alimentos. Outra necessidade é ampliar a produção e a produtividade da agropecuária brasileira, com sustentabilidade.

A pesquisa deve avançar na oferta de soluções para diversificação, agregação de valor, produtividade, segurança e qualidade, com velocidade e eficiência superiores às alcançadas no passado. Ao mesmo tempo, o aumento da demanda por alimentos, fibras e bioenergia e matérias-primas para diversos ramos exigirá sofisticação tecnológica que racionalize o uso dos recursos naturais. É necessário, ainda, investir em inovações para agregação de valor às commodities, criando oportunidades para a agroindústria brasileira. Precisamos também estar atentos para o fato de que a agricultura do futuro deverá contribuir na promoção da saúde e qualidade de vida das pessoas, com oferta de alimentos de maior densidade nutricional.

Por fim, estamos conscientes da necessidade de lidar com a intensificação de estresses, em função das mudanças climáticas. Espera-se um aumento da ocorrência de pragas e doenças, bem como eventos extremos como secas e enchentes, particularmente no cinturão tropical do globo.

Paraná Cooperativo – E como a Embrapa está se preparando para ajudar o país a superar esses desafios?

Maurício Lopes - Em 2013, a Embrapa lançou o Sistema Agropensa,

uma plataforma de inteligência estratégica dedicada à coleta, organização e análise de informações relevantes que permitem orientar o desenvolvimento tecnológico da agricultura brasileira.

Esse sistema opera em rede e busca, em essência, antecipar tendências e garantir o ajuste permanente das prioridades de pesquisa e de transferência de tecnologia com vistas à inovação. Estamos confiantes de que este novo sistema de inteligência estratégica ampliará a nossa capacidade de antecipar riscos, oportunidades e desafios, permitindo que a Embrapa e suas organizações parceiras aprimorem seu planejamento e sua capacidade de responder, de forma tempestiva e eficiente, às necessidades da agricultura e da sociedade brasileira.

Paraná Cooperativo – O custo da pesquisa é alto. Como a Embrapa planeja participar da oferta de tecnologia de ponta, diante da presença de empresas multinacionais na área?

Maurício Lopes - Fica cada vez mais evidente que nenhuma instituição será capaz de atender às demandas e aos desafios, operando de forma isolada e autossuficiente. Os diversos segmentos precisam interagir na identificação de demandas, na construção das soluções e no acompanhamento de impactos. Tudo isto requer da Embrapa a capacidade de continuar promovendo ajustes em sua estrutura organizacional

e interagindo com os parceiros de forma mais efetiva.

O setor público tem um pouco esse papel de locomotiva limpa-trilho. A pesquisa pública vai adiante, remove os grandes entraves e limitações para que o setor privado possa vir em seguida, investindo com mais segurança, ajudando a promover o desenvolvimento. Ajudamos o Brasil a lidar com o problema de fertilidade do solo no cerrado, a desenvolver uma genética para a realidade tropical. Foi o setor público que tropicalizou a soja e adaptou o milho, o algodão e outras espécies à realidade brasileira.

Agora, o setor privado ocupa espaço com segurança e contribui para a rápida expansão da nossa agropecuária. A ação é, portanto, complementar e não competitiva. Hoje a Embrapa se dedica a múltiplos desafios que irão encorajar mais investimento privado no futuro, como a consolidação do conceito de integração lavoura-pecuária e lavoura-pecuária-floresta. Conceber e consolidar grandes mudanças, que muitas vezes demandam investimento de médio e longo prazos, é a função mais nobre da pesquisa pública.

Paraná Cooperativo - Qual a importância da inovação para o desenvolvimento da agricultura brasileira?

Maurício Lopes - A Embrapa e suas instituições parceiras tiveram a missão, ao longo dos últimos quarenta anos, de remover as grandes limitações que impediam o desenvolvimento da nossa agropecuária. A inovação impul-

sionou a produção brasileira nas últimas quatro décadas e será, certamente, o motor da nossa agropecuária nos próximos anos.

Em futuro próximo a humanidade terá que migrar do paradigma da cura para o paradigma da prevenção de doenças. Nesse sentido, a agricultura terá um papel importante. A diversificação dos produtos da agropecuária é outra tendência muito clara. Os avanços recentes em áreas como a biologia avançada, biotecnologia, nanotecnologia e tecnologia da informação, nos permite vislumbrar a aproximação entre a agropecuária e os mais diversos ramos industriais. As possibilidades irão muito além dos biocombustíveis. Já percebemos, por exemplo, o nascimento de um novo segmento da economia, baseado no aproveitamento da biomassa, gerando bioprodutos que poderão substituir uma boa parte dos derivados de petróleo. É muito provável que a agricultura alimente a nova bioeconomia, e suas modernas biorrefinarias, em grande interação com a química verde.

Há ainda questões ligadas à sustentabilidade. As mudanças climáticas irão nos impor desafios complexos e exigir novos métodos de pesquisa, novas estratégias de produção. O Código Florestal deixou muito claro que a expansão agropecuária brasileira se dará baseada no aumento da eficiência e da produtividade. As instituições de pesquisa e o setor privado estão trabalhando intensamente na busca de modelos de produção integrada, baseados em tecnologias de baixa emissão de car-

bono, viabilizando a expansão da produção agropecuária de forma cada vez mais planejada, inteligente e sustentável. Inovação será, portanto, o grande motor da nossa agropecuária no futuro.

Paraná Cooperativo - Que avaliação o senhor faz do cooperativismo e sobre a atuação das cooperativas na transferência de tecnologias geradas pela Embrapa?

Maurício Lopes - A experiência das cooperativas em partes do Brasil e em países de alto grau de desenvolvimento mostra que esta forma de organização é um caminho importante para o desenvolvimento econômico e social do produtor. A cooperativa moderna viabiliza a experimentação dos produtores com as práticas inovadoras e novos métodos de organização social, de uso do assessoramento técnico, social e ambiental e de melhoria de seus arranjos produtivos.

A cooperativa encoraja os produtores a romper fronteiras, a superar riscos e desafios, estimulando-os a abraçar novas possibilidades. Cooperativas fortes têm ajudado a preencher vazios, muitas vezes causados por imperfeições de mercado. A Embrapa complementa este processo como provedora de tecnologias e conhecimentos.

Paraná Cooperativo - A parceria entre cooperativas e a Embrapa, deve, portanto, ser estimulada?

Maurício Lopes - As cooperativas são parceiras estratégicas para potencializar as ações de transferência e desenvolvimento tecnológico, em especial para a inclusão produtiva dos

pequenos e médios produtores brasileiros. As redes e novas interações, viabilizadas pelo cooperativismo, permitem aos produtores acessar as organizações de pesquisa e inovação de maneira mais eficiente, habilitando-os a tratar os desafios de complexidade cada vez maior: mercados dinâmicos, competitivos e complexos; a intensa mudança tecnológica; os desafios de entender e praticar conceitos novos, como sustentabilidade; alinhar as atividades humanas à nova realidade de mudança de clima, etc.

As cooperativas agrícolas são, portanto, meios extraordinários para multiplicação da capacidade das organizações de ciência e tecnologia em disseminar seus resultados para superação de desafios cada vez mais complexos. Aqui está uma grande oportunidade para todos nós, da ciência e do cooperativismo, nesse momento em que o Brasil discute o desafio da ampliação da nossa capacidade de disseminação de tecnologias para o campo. A Embrapa, na interação necessária com a sociedade, possui poucos agentes para efetivar os contatos, especialmente os mais diretos. Isso porque, não é sua missão realizar a extensão rural. Sabemos que a forma mais eficiente de multiplicar o conhecimento, permitindo que as novas técnicas sejam conhecidas e adotadas para melhorar a vida no campo, é por meio de parcerias. Elas são estratégicas para os objetivos da Embrapa. Nesse sentido, o sistema cooperativo e a Embrapa precisam estreitar ainda mais ações parceiras com o fim de atingir objetivos comuns. 🌱

"A cooperativa encoraja os produtores a romper fronteiras, a superar riscos e desafios, estimulando-os a abraçar novas possibilidades"

